

# A COMUNICAÇÃO ORAL NA APRESENTAÇÃO DE ATIVIDADES ESCOLARES

Orly Marion Webber Milani<sup>1</sup>  
Secretaria de Estado da Educação do Paraná – SEED  
orly@seed.pr.gov.br

## Resumo

Esse artigo tem como objetivo apresentar uma pesquisa realizada num colégio da rede pública estadual de ensino. Essa pesquisa buscou apresentar e avaliar uma metodologia de orientação sobre comunicações orais realizadas pelos alunos. Os professores e os alunos participaram de duas gravações que foram posteriormente apresentadas e analisadas em conjunto. A partir do levantamento de dados acerca da produção teórico-acadêmica sobre a oralidade em ambiente escolar e da investigação sobre como os professores desenvolvem essa atividade, buscou-se analisar, nessa pesquisa, a capacidade de comunicação por meio da oralidade nos alunos do Ensino Médio, enfocando a apresentação, em sala de aula, de atividades realizadas.

**Palavras-chave:** oralidade; apresentação de atividades; língua portuguesa.

## Abstract

This article aims to present a survey conducted in public school which evaluates a methodology for guidance on students' oral presentations. Teachers and students participated in two recordings that were subsequently presented and analyzed together. From the survey data about the theoretical and academic production on speech in the school environment and the research on how teachers develop this activity, it was intended to analyse the communicative abilities in spoken language of High School students, focusing on the presentation of classroom activities.

**Keywords:** orality; presentation of activities; Portuguese language.

---

<sup>1</sup> Professora da Rede Pública do Estado do Paraná. Graduada em Letras (UFPR). Especialista em Informática na Educação (UTFPR) e Mestre em Educação (PUCPR).

## Introdução

As diversas formas de comunicação e utilização de linguagens servem tanto aos mais tradicionais como aos mais modernos métodos adotados pelas escolas através de seus Projetos Pedagógicos. O ato da comunicação só se realiza plenamente se todos os seus elementos estiverem presentes e ativos no processo. De nada adianta um emissor competente tanto em conhecimentos específicos que queira apresentar quanto na utilização da linguagem adequada para tal se o seu interlocutor, por qualquer motivo, esteja impossibilitado de compreender a mensagem ou, ainda, manter essa comunicação por meio de respostas ou inferências, se assim quiser.

Observa-se que o aluno, quando se trata de temas como estudo e trabalho, envolve-se ou é envolvido com uma literatura baseada em textos escritos e que a sua oralidade (principalmente a que exige certa formalidade, em ambiente de sala de aula, por exemplo) tem menor acuidade por parte dos programas das diferentes disciplinas. As avaliações orais raramente fazem parte do planejamento dos professores, excetuando-se as apresentações de trabalho caracterizadas (muitas vezes erroneamente) como “Seminários”. Poucos são os alunos que se sentem à vontade para falar em público e levam isso para a vida adulta. Propagam-se “cursinhos” de desenvolvimento de retórica ou “como falar em público em 'X' lições”.

Sendo assim, como desenvolver a capacidade de comunicação por meio da oralidade nos alunos, enfocando a apresentação, em sala de aula, de atividades realizadas?

Buscando apresentar um trabalho que investigou a capacidade de comunicação em linguagem oral dos alunos, este artigo apresenta uma pesquisa realizada no Colégio Estadual Professor José Guimarães e envolveu professores e alunos de uma turma do 4º do Curso de Administração, do ensino médio profissionalizante.

## A oralidade e a escrita

Os estudos sobre a língua falada intensificaram-se na última década do século XX e continuam ganhando a atenção de especialistas, especialmente de lingüistas preocupados em analisar tanto o processo de organização textual como a influência da oralidade na escrita. O que parece estar sendo negligenciado pelas pesquisas acadêmicas é o estudo sobre o que se exige de um falante competente, ou seja, a influência que a escrita tem e deve ter sobre a fala, desde que a norma padrão é uma só seja para uma ou outra forma de comunicação por meio da língua.

Segundo KOCH (1996, p. 24), a diversidade de tipos de textos falados chega quase ao infinito. Pode-se inferir que há tantas formas de se dizer alguma coisa quantas são as situações contextuais imagináveis e possíveis delas ocorrerem. Por sua vez, entre uma variante lingüística oralizada e a forma escrita padrão, há um *continuum* entre o qual há inúmeras formas de práticas sociais que podem apresentar diferentes formas de texto (ARAÚJO, 1996, p. 57). Textos verbais vão desde uma forma mais coloquial de fala, como conversas com familiares ou amigos, passando por discussões no âmbito profissional, até uma fala planejada e adequada a uma palestra, por exemplo, passando também pelas inúmeras variantes possíveis da forma escrita, de um bilhete, um e-mail, até um livro técnico ou um texto acadêmico. A autora ainda afirma que

as pesquisas têm demonstrado que a oposição entre as duas modalidades é muito mais funcional e contextual do que estrutural. Isto equivale a dizer que a língua falada e a língua escrita não se opõem ou se diferenciam intrinsecamente. As semelhanças e/ou diferenças que se pode lhes imputar decorrem muito mais das situações formais ou não em que essas modalidades são usadas, de quem as usa, para quem se dirige e com que propósitos. Assim, o principal avanço é reconhecer que está longe de haver um único tipo de fala e um único tipo de escrita. Ademais, as modalidades não são mutuamente excludentes, há, na verdade, um grande acordo de justaposição entre ambas. Alguns tipos de fala podem ser escritos e alguns tipos de escrita podem ser falados. (ARAÚJO, 1996, p. 58)

Sendo assim, a linguagem oral apresenta variáveis que devem ser investigadas, descritas e apresentadas, mas sem que isso acarrete um descuido com a responsabilidade da escola, especialmente recaída sobre os professores de Língua Portuguesa, que é o de apresentar e incentivar o uso das formas padrão da língua, pois esse processo didático e pedagógico possibilita ao aluno a chance de

conhecer e apropriar-se de uma variante socialmente utilizada em situações formais em qualquer região do país.

Ainda referindo-se à comparação entre língua falada e língua escrita, embora em ambas o sistema lingüístico seja o mesmo, “as regras de sua efetivação, bem como os meios empregados, são diversos e específicos, o que acaba por evidenciar produtos diferenciados” (MARCUSCHI, in: FÁVERO, 2007, p. 09).

Comunicar-se por meio da língua falada em situações que exigem certa formalidade requer um aprimoramento lingüístico que deve ser propiciado pela escola. A adequação a diferentes situações comunicativas deve ser percebida e adotada pelo aluno da educação básica, especialmente aquele que já se encontra em séries mais adiantadas, como o do Ensino Médio.

Sentimos que, hoje, utilizar a língua “corretamente”, além do domínio da forma de modo aceitável, é “usá-la” adequadamente ao contexto e ao usuário a que se destina a mensagem veiculada (ZANINI, in: SILVA, 2008).

Segundo MARQUES (2007), muitas crianças, para não correrem o risco de serem criticadas por falar “errado”, preferem calar a boca para não se expor às observações do tipo “pobreza de vocabulário”, “falta de sentido”, “uso de gírias”, etc. BOURDIEU afirma que

os desvios iniciais tendem, portanto, a se reproduzir, pelo fato de que a duração da inculcação tende a variar tanto quanto seu rendimento, fazendo com que os menos inclinados e menos aptos a aceitar e a adotar a linguagem escolar sejam também os que se expõem menos tempo a essa linguagem, bem como aos controles e sanções escolares (in: MARQUES, 2007).

Diante disso, como pode o professor avaliar sem que antes tenha orientado seu aluno no caminho da linguagem que confere aceitabilidade social? Acreditamos, como ALKMIN (in: MARQUES, 2007), que “dificuldades e problemas do ensino de língua materna podem ser resolvidos no âmbito de discussões pedagógicas e didáticas”.

A todo momento, ouvimos professores dizendo: “os alunos não sabem português”, na verdade eles sabem o português, já que é sua língua materna, e além do mais eles conseguem se comunicar, o que eles podem não saber, ou não utilizar é a “norma padrão” da língua portuguesa. (SILVA, 2008)

Para Suassuna

a própria prática de ensino em todos os níveis, torna evidente a “crise na linguagem”. É comum vermos professores insatisfeitos com seu trabalho, frustrados e tomados de uma sensação insuperável de derrota, o que dá lugar a uma certa nostalgia do ensino “de antigamente”. Espalham-se as queixas: os alunos se caracterizam por um baixo desempenho lingüístico; desprezam a língua; não entendem o que lêem; abusam, na produção textual, de lugares comuns; são incapazes de pensar e se expressar (in: SILVA, 2008)

A exposição oral de determinado assunto ou a interlocução entre o aluno e o professor, o diretor da escola, seus colegas, seu chefe e colegas de trabalho (no caso de alunos adultos) em situações formais, como aulas ou reuniões em geral, merecem atenção por parte dos falantes, possibilitando assim a otimização na exposição e defesa de idéias.

As qualidades de um orador devem estar presentes mesmo na comunicação em pequenos grupos, tornando-se necessário, segundo Vanoye,

caracterizar o público, destinatário da mensagem: número de pessoas, composição (grupo social a que pertence, idade, sexo, etc); circunstâncias de agrupamento (o orador terá maior dificuldade em prender a atenção de um grupo formado à força do que a de um grupo espontâneo); código e valores comuns (é preciso falar a linguagem do destinatário); precisar a **natureza da mensagem** (simples informação, exposição, documentada, comunicação científica, expressão de uma opinião, etc.) e as **condições da comunicação** (lugar, meios materiais possíveis, tempo disponível, público). (1986, p. 102).

Conforme orientam as Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para os Anos Finais do Ensino Fundamental e Médio (PARANÁ, 2008, p. 45), o professor deve verificar a participação dos alunos nos diálogos, relatos e discussões, a clareza e a fluência de sua fala, o seu desembaraço, a argumentação que apresenta ao defender seu ponto de vista. Especialmente durante a apresentação oral de atividades escolares, a orientação e avaliação do professor torna-se essencial para o desenvolvimento da capacidade de oratória dos alunos, contribuindo para o seu sucesso nas áreas em que a retórica torna-se um diferencial social e intelectual.

## A oralidade numa apresentação

As ações elencadas neste trabalho visam a contribuir com a prática do professor de Língua Portuguesa da escola no que se refere ao desenvolvimento da capacidade de oratória de seus alunos na apresentação de suas atividades escolares para professores e colegas, contribuindo assim para a aquisição de maior desenvoltura na comunicação oral em outras situações de oralidade.

A expressão oral dos alunos reflete consideravelmente o contexto social, com pequenas variações, tanto de aluno para aluno, como percebidas em situações diversas, em que os mesmos tentam adequar sua linguagem ao perceberem que diferentes contextos exigem novas maneiras de expressão por meio da fala. Essa percepção leva alguns alunos a buscarem no seu arsenal vocábulos apropriados para situações diferentes, como uma conversa com um adulto, uma atividade com colegas ou uma apresentação oral para um grupo maior de ouvintes.

Esse contexto encontra-se atualmente extremamente permissivo quanto ao linguajar adotado por crianças e jovens, que se comunicam com seus pares utilizando variantes da linguagem popular de pequenos grupos ou comunidades. Essas variantes são compostas, muitas vezes, de gírias ou palavras obscenas utilizadas de forma natural pelos alunos. Essa característica, muitas vezes não se altera em ambiente de sala de aula. Isso pode ocorrer mesmo em situações em que o próprio aluno percebe que poderia ter-se expressado de outra maneira, como em apresentações de trabalhos para a classe, mas não têm ou alguns não querem ter controle e/ou conhecimento vocabular suficiente para expor saberes, opiniões ou sentimentos.

Na escola, conforme Fávero (2007, p. 12),

não se trata obviamente de “ensinar a fala”, mas de mostrar aos alunos a grande variedade de usos da fala, dando-lhes a consciência de que a língua não é homogênea, monolítica, trabalhando com eles os diferentes níveis (do mais coloquial ao mais formal) das duas modalidades – escrita e falada.

Marcuschi (1997) fala de “adequação às diferentes situações comunicativas” quando se refere ao problema da oralidade em ambiente escolar. Reconhecendo que a fala tem estreita ligação com a escrita em se tratando de uma mesma língua,

entende-se que cada uma contém suas características dentro do que se considera aceitável, regular, num determinado contexto.

Os professores afirmam que avaliam esse processo em momentos próprios, pré-estabelecidos, mas não relatam que haja uma orientação formal sobre como deve se dar essa apresentação quanto à sua verbalização. No máximo alertam, muitas vezes minutos antes da apresentação, ou numa aula anterior, que os alunos não devem se utilizar de gírias e afins, cuidar das repetições de termos (principalmente “né” e “tipo”) e poucos professores lembram da postura do aluno quando este se coloca numa posição de evidência diante da turma. Mas, ao falar de avaliação ou “correção” de postura ou fala, os professores adiantam-se nesse trabalho, muitas vezes imitando a postura do aluno e corrigindo-o assim que é cometida uma inadequação qualquer. Ao questionar-se quando fazem a correção, os professores garantem que o fazem no momento do ocorrido, deixando para o final da apresentação apenas a avaliação sobre o conteúdo tratado na mesma.

Até meados de 1960, por causa de suas pausas, hesitações, alongamentos de vogais e consoantes, repetições, ênfases, truncamentos, entre outros, a língua falada parecia o lugar do “caos” (FÁVERO, 2007, p. 15), mas a necessidade de estudá-la como atividade interacional propiciou inúmeros debates principalmente sobre a adequação da fala a determinados contextos.

Identificar critérios de avaliação da expressão oral dos alunos, principalmente em apresentações de trabalhos de pesquisa, debates, dramatizações, ou outras atividades que envolvam, como principal elemento comunicacional, a língua falada foi uma tarefa árdua, visto que raramente o professor tem isso claro para si.

## **Metodologia de orientação e avaliação de atividades escolares que envolvem a oralidade**

A proposta de levar até os alunos a oportunidade de ter suas apresentações gravadas para posterior avaliação mostrou-se interessante e motivadora. Todos se dispuseram a falar diante de uma câmera, a princípio sem preparo prévio e depois, em outro momento, de forma planejada. A atividade pareceu assustadora para

alguns, mas pelo entendimento que tiveram dos objetivos do trabalho, apresentados pela professora pesquisadora, todos concordaram em participar.

A metodologia adotada para o desenvolvimento da atividade de gravação das falas dos alunos teve sua fundamentação no método hipotético-dedutivo, em que Popper (1978) orienta a identificação de um problema, a proposta de solução e a aceitação ou refutação das hipóteses. O resultado alcançado foi submetido a uma avaliação e o objetivo do trabalho foi alcançado, pois os alunos desenvolveram suas apresentações de forma adequada ao contexto de sala de aula principalmente na segunda apresentação, quando já haviam sido orientados sobre postura, comportamento e tema a ser apresentado.

Ficou claro que os alunos poderão se comunicar adequadamente em contextos diferentes com pessoas diferentes por meio da oralidade, desde que a escola ofereça oportunidades de prática de sua expressão oral por meio de atividades orientadas pelos professores. Na falta dessa prática, como hoje se observa, a dificuldade em adequar sua fala aos diversos ambientes sociais que freqüentam, faz com que os jovens sejam incapazes de exporem suas idéias de forma clara para diversos públicos. Falam muitas vezes por monossílabos, frases desconexas, utilizam gírias, mesmo conversando com seus familiares ou professores, gritam sem necessidade (tal problema se dê talvez por questões comportamentais e não de linguagem), e muitas vezes não conseguem ler com facilidade um texto simples, em voz alta.

Imaginemos, a partir dessa realidade, como se comportam os jovens quando há algum debate instaurado, como defendem suas idéias, como argumentam e interagem em tantas questões quantas as palavras podem defender ou combater. Aqui lembramos o que afirmou Aristóteles:

assentemos que a Retórica é a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão. Nenhuma outra arte possui esta função, porque as demais artes têm, sobre o objeto que lhes é próprio, a possibilidade de instruir e de persuadir; por exemplo, a medicina, sobre o que interessa à saúde e à doença; a geometria, sobre as variações das grandezas; a aritmética, sobre o número, e o mesmo acontece com as outras artes e ciências. Mas a Retórica parece ser capaz de, por assim dizer, no concernente a uma dada questão, descobrir o que é próprio para persuadir. Por isso, dizemos que ela não aplica suas regras a um gênero próprio e determinado. (In: CITELLI, 2005, p. 33)



Este trabalho não procurou identificar no aluno a sua capacidade na arte da retórica, visto que a finalidade implícita de convencer o outro por meio do discurso deve ser considerada em toda a forma de expressão verbal, mas não podemos deixar de afirmar que uma boa capacidade de expressão oral pode levar o usuário da língua a alçar caminhos de sucesso tanto pessoal como profissional.

O trabalho consistiu em dar aos alunos oportunidade de fala individual diante da turma, com tempo pré-determinado de um minuto, quando deveriam apresentar-se, falar de seu curso e de uma seqüência que dariam aos estudos no futuro. Essa primeira atividade foi realizada já no primeiro encontro com os alunos, depois de algumas reuniões com a professora da turma que já havia lido a produção didático-pedagógica que apresentava toda a proposta e metodologia das atividades que seriam desenvolvidas.

Após comunicar aos alunos que deveriam se preparar para uma fala curta, de apenas um a dois minutos, cujo tema seria proposto na hora da apresentação, sem data marcada antecipadamente, e que essa fala seria filmada para posterior avaliação, a professora sugeriu que, como o tempo de um minuto é muito reduzido, cada um se apresentasse para a turma, informando alguns dados pessoais como também seus objetivos profissionais.

A professora da turma poderia, se considerasse esse tema inadequado, propor qualquer tema, desde que o aluno pudesse manifestar-se, pois para se avaliar a capacidade de expressão oral faz-se necessário que o assunto tratado seja do domínio do falante, mas considerou a indicação da professora pesquisadora uma boa proposta.

As gravações foram salvas em um pendrive e em uma aula na semana seguinte o vídeo foi passado para os alunos, utilizando-se a TV Pendrive instalada na sala de aula.

Durante essa semana, nas aulas seguintes, a professora orientou os alunos a respeito de qual a melhor maneira de preparar e apresentar uma atividade em sala de aula, utilizando para isso os encaminhamentos da produção didático-pedagógica elaborada pela professora pesquisadora do Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná – PDE, autora deste artigo.

Os alunos também escreveram suas observações em forma de produção textual, seguindo a proposta de expor suas idéias sobre as principais dificuldades encontradas por alunos em uma apresentação oral em sala de aula e ainda apresentaram sugestões para melhorar essa apresentação.

Depois de uma semana, portanto, a professora pesquisadora apresentou o vídeo para os alunos que avaliaram a sua própria apresentação e a de seus colegas. De posse de um relatório entregue pela professora, foram assinalando questões como controle emocional, movimentação, voz, fluência, etc., de acordo com a tabela apresentada e escreveram algumas considerações no espaço reservado para tal.

Depois dessas análises e considerações, os próprios alunos fizeram a proposta de apresentar, para a próxima gravação, um resumo de seu trabalho de conclusão de curso como preparo prévio para o dia da banca de avaliação. Isso fez com que a gravação adquirisse uma importância ainda maior, cumprindo não só o propósito da pesquisa como também uma necessidade premente dos alunos: preparar-se adequadamente para uma apresentação oral de pesquisa acadêmica.

Na semana seguinte, os alunos apresentaram seus resumos em cinco minutos, sendo que o respeito ao tempo de apresentação também conta como critério de avaliação de uma exposição oral.

As alterações, inclusões, exclusões, intervenções por parte da professora da turma foram bem-vindas no decorrer do processo, pois as características específicas da turma devem ser levadas em conta.

Os alunos puderam pronunciar-se sobre o seu progresso e o progresso do grupo, o que propicia um relacionamento fraterno e solidário, pois “a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade” (FREIRE, 1996, p. 160). Alguns alunos, mais tímidos, foram incentivados pelos colegas a também participarem e assim o fizeram, concordando, após análise, que foi realmente uma experiência enriquecedora.

## **Orientação e avaliação das comunicações orais**

Investir na persuasão também é tarefa do professor no processo de busca pela eficácia comunicativa em termos de oralidade para estudantes do ensino

médio, considerando que as dificuldades poderão ser superadas quando, ao se tratar de ambiente escolar, todos os envolvidos no processo comunicativo são responsáveis pela disseminação e manutenção da norma padrão da língua, visto que é nesse contexto social que o aluno deve ter oportunidade de interagir continuamente com falantes de uma língua viva, que se transforma, mas que, ao mesmo tempo, exige aprimoramento e adequação de seus usuários à sua forma culta. Segundo Polito (2006, p. 168) o processo de persuasão está além do fato de as pessoas se convencerem ou não de que determinada informação é correta.

Falar bem, dentro da norma padrão, adequar a fala a uma determinada platéia (principalmente quanto ao vocabulário) e ainda convencer por meio de recursos da retórica parece não fazer parte do domínio lingüístico da maioria dos falantes de língua portuguesa no Brasil.

Os passos para orientar o aluno no desenvolvimento de sua capacidade de expressão oral em ambientes que exijam melhor acuidade na apresentação, no trato com as palavras, na elocução, na postura, e, por que não, na persuasão, podem ser seguidos por professores que percebem o quanto é importante possibilitar ao educando a interação em qualquer esfera social por meio da língua padrão, que não nos mostra a língua como ela é, mas sim, como deveria ser. “E, entre como a língua é e como *deveria ser*, há um verdadeiro abismo” (TERRA, 2002, p. 38). Talvez essa seja, dentre duas, uma das maiores dificuldades para um falante comunicar suas idéias para um grupo maior, numa situação mais formal. A outra dificuldade está na esfera do domínio do tema a que se propõe falar, pois uma fala não se sustenta sem que haja conhecimento do assunto tratado. Estudo, planejamento e competência lingüística são, portanto, os principais ingredientes para uma apresentação oral de sucesso.

Considerando que os alunos possam conhecer o tema a ser tratado e tenham tempo disponível para preparar sua apresentação, cabe ao professor que quer capacitá-los para uma boa apresentação trabalhar com a oralidade, a competência lingüística, sem esquecer de orientar também sobre todo o repertório que dará suporte a essa fala em se tratando de uma apresentação “ao vivo”, ou seja, tratar da importância de tudo o que se visualiza numa apresentação: postura, traje, gestual, expressão facial, contato visual, tom de voz, movimentação e respeito ao

tempo determinado para sua fala. Tudo isso deve ser considerado, orientado, avaliado e aprimorado.

Como levar o aluno a controlar seu emocional, por exemplo? Como trabalhar seu tom de voz, sua postura? Quantos especialistas poderiam ser requisitados para que todo esse arsenal de competências fosse adquirido por nossos alunos? Médicos, fonoaudiólogos, psicólogos, estilistas, e, principalmente, comunicadores, que são especialistas na arte da apresentação. Talvez atores, pois estamos todos expondo nosso éthos, continuamente.

Quem nunca ouviu dizer que o primeiro grande medo do ser humano é morrer e o segundo é falar em público? Muitos se sentem desafiados, principalmente alunos que constantemente, em sua vida escolar, são requisitados para apresentarem suas pesquisas para a turma. Sabem que serão avaliados tanto por quem tem esse direito explicitamente, no caso do professor, como por seus colegas que estarão julgando seu desempenho. Muitos sentem que o corpo deixa transparecer todo o nervosismo, as mãos suam, a voz fica trêmula, o medo torna o tempo interminável e, principalmente, quando a capacidade de concentração torna-se determinante, muitos esquecem do real motivo que os levou para aquele momento, que é o conteúdo de sua fala, o que ele tem a dizer.

O professor deve orientar seus alunos para que, antes de uma apresentação oral, concentrem-se naquilo que estudaram, prestem atenção na própria respiração e organizem mentalmente as suas idéias, segundo um plano pré-estabelecido. Também é importante lembrá-los que eles estudaram o tema mais que seus colegas ouvintes e que ninguém sabe de antemão exatamente o que foi programado para ser dito. Portanto, no caso de um esquecimento, o melhor é continuar de onde se lembra porque provavelmente os colegas não perceberão a falha.

Nas aulas de orientação para uma boa apresentação oral, o professor, pela característica de sua profissão, pode ter em mente que falar para um público não é muito difícil já que faz isso todos os dias, é o seu trabalho. Basta então lembrar-se dos cursos de formação continuada, especializações, extensões universitárias em que o docente que ministra o curso solicita que um grupo ou cada aluno apresente suas conclusões ou uma atividade para o grupo de professores cursistas.

Freqüentemente há certa relutância em se falar, mesmo sendo uma atividade cotidiana. Afinal, quem estará ouvindo são seus pares e não seus alunos.

## RESULTADOS

A proposta de uma apresentação formal diante da turma foi bem aceita pelos alunos do ensino médio do Colégio Professor José Guimarães. A turma selecionada para a aplicação da proposta foi a do 4º Ano do Curso de Administração, composta por 23 alunos entre 17 e 19 anos. Essa escolha se deu pela necessidade que esses alunos apresentavam de ter um encaminhamento quanto a sua postura e oralidade, visto que todos estavam concluindo o ensino médio profissionalizante e muitos, se já não estavam trabalhando, começariam a inteirar-se desse tema e buscariam oportunidades de inserir-se no mercado de trabalho. A escolha da turma foi realizada após uma reunião entre direção, professores da escola e professora pesquisadora.

### PRIMEIRA GRAVAÇÃO

No dia da primeira gravação estavam presentes 18 alunos que, diante da proposta de falar durante um tempo de aproximadamente 01:00min, utilizaram de 00:15min a 01:43min, variando de aluno para aluno. Diante do fato de que não houve preparação prévia para tal, consideramos que existiu a tentativa, por parte da maioria dos alunos, de falar durante o tempo limite estipulado. Foi combinado que quando o tempo de 01:00min era registrado, a professora pesquisadora só levantava a mão, indicando que o aluno poderia começar a encerrar sua fala.

O aluno que se estendeu por mais tempo tem facilidade em expor suas idéias, mas apresentou uma dificuldade de articulação das palavras. Esse problema já havia sido observado pela professora que, em avaliação conjunta, posterior a todo o trabalho com os alunos, informou que já indicara ao aluno, verbalmente, que

procurasse um especialista em fonoaudiologia para ajudá-lo a vencer essa dificuldade.

A questão da ajuda de um profissional especializado será amplamente levantada quando apresentarmos o artigo referente à oralidade dos professores de línguas que participam do PDE/2008. Trata-se de um problema que leva muitos professores a deixar a sala de aula pelo surgimento de nódulos nas cordas vocais, e para que esse fato possa ser contornado, sugere-se um trabalho sistemático do órgão responsável pelas condições de trabalho numa escola, ou seja, a Secretaria da Educação do Estado do Paraná - SEED.

Diagnosticado o problema, percebemos que a aluna que falou durante o menor tempo ateu-se em dizer seu nome, idade, e que cursará enfermagem na faculdade. Falou tudo de forma bem rápida, parecendo ter quase decorado o que iria dizer.

A forma de fechar a apresentação foi o que mais precisa ser observado por esses alunos, pois mesmo sem se preocuparem com o tempo previsto para a fala, diziam palavras como “é só isso”, “e fim”, “e só”, “é isso”, “pronto”, etc. Em nenhum desses casos a professora havia dado o sinal de tempo limite, mas eles interromperam a apresentação possivelmente por não lembrar de nada mais importante a dizer ou, pensamos ser esse o principal motivo, sentiam-se pouco à vontade diante dos colegas e da câmera filmadora, o que é perfeitamente compreensível, visto que apenas um aluno já havia feito um curso de oratória, justamente o que mais tempo ocupou para a fala. Esse fato demonstra que uma atividade pode ser melhor realizada se há orientação e prática constantes.

Os comentários dessa apresentação, feitos pelos alunos, centraram-se em dois pontos principais: a postura e gestual dos colegas que se apresentaram e a repetição ou alongamentos de termos como “ãããããhhhh” e palavras como “né”, “tipo assim”, gírias, etc. Parece pertinente lembrar que o bom orador chama a atenção para o seu discurso e não para a sua pessoa. E se o tema foi estudado e a apresentação bem preparada, basta vestir-se adequadamente e não exagerar na movimentação para atingir sucesso em sua exposição.

Quase todos os alunos disseram “boa noite” antes de começar a fala (76%) e todos (100%) lembraram de dizer o próprio nome e a idade. Depois disso, foram

variadas as falas, desde aqueles que falaram do seu trabalho, de seus estudos futuros, até aqueles que comentaram sobre questões particulares de entrosamento com a turma e questões pessoais e familiares.

Muitas outras análises feitas poderiam ser levantadas nesse artigo, mas consideramos que o mais importante sejam as conclusões às quais essa pesquisa nos levou, demonstrando que a falta de orientação e de preparo diante da possibilidade de comunicação oral pode levar ao fracasso em situações que exijam um bom desempenho quanto à expressão oral não só do aluno ou do grupo que ele representa mas até mesmo a possíveis obstáculos que enfrentam ou enfrentarão em suas atividades sociais e profissionais, principalmente pela dificuldade de apresentar uma idéia sem tantas pausas, utilizando vocábulos inadequados e portando-se com timidez, indiferença ou agressividade.

Só a escola poderá oferecer oportunidades práticas de comunicações orais, visto que é comum os professores requisitarem esse tipo de atividade, sem, no entanto, orientar para que esse objetivo seja alcançado de forma satisfatória.

## TEXTO DOS ALUNOS

O texto produzido pelos alunos durante o desenvolvimento da pesquisa demonstra o quanto ainda deve ser feito pelos professores para que o ato de falar seja um momento de troca de idéias e crescimento intelectual conjunto, pois se trata basicamente de um ato social.

Dentre os principais pontos levantados pelos alunos em suas contribuições escritas sobre as suas dificuldades em apresentarem um trabalho em sala de aula, o medo de errar e a timidez foram considerados os que mais atrapalham o bom desempenho nessa atividade (100% dos alunos tocaram nessas questões). Dentre as soluções apontadas destacaram-se sistematização e treinamento como atividades propostas pelos próprios alunos (88%).

O conhecimento sobre o assunto foi citado como ponto muito importante por 83% dos alunos. Conforme o aluno (A16) “o melhor jeito, então, é saber sobre o que

se está falando, estar inteiramente por dentro do assunto, só assim teremos domínio da apresentação”. Nessa questão, Polito diz que

se você não dominar o assunto, durante a apresentação estará sempre seguindo por um caminho desconhecido, com receio de esquecer algum dado importante ou até de que apareça alguém na platéia com conhecimento superior ao seu. Ao imaginar que esse fato possa mesmo ocorrer, entra em funcionamento o mecanismo do medo e, como consequência, a descarga de adrenalina para “proteger” você. (2006, p. 36)

O aluno que apresenta uma atividade em sala de aula tem ali presente também o professor que, segundo o julgamento de muitos alunos, é quem sabe mais do que ele e isso deve ser levado em conta quando esse professor estiver avaliando o aluno, para não intimidá-lo ainda mais. Um aluno (A09) escreve que “o ‘friozinho’ na barriga que antecede a apresentação, o suor frio das mãos são sintomas visíveis de nervosismo”.

A importância dos ouvintes foi lembrada pelo aluno (A18) que afirmou que “as principais dificuldades que as pessoas apresentam para falar em público são o medo de não falar o português correto e imaginar o que as pessoas que estão assistindo estão pensando”. Aqui lembramos de Bakhtin (2006, p. 81), que afirma que “toda a forma de linguagem encerra um discurso entendido como efeito de sentidos entre interlocutores, nunca individual, que tem, em sua gênese, sempre uma atitude responsiva”. O mesmo aluno escreve a seguir que “algumas caretas ou olhares que essas pessoas fazem, muitas vezes nos deixam nervosos, aí começamos a gaguejar, mexer no cabelo, bater o pé”. Outros alunos também expuseram essa preocupação (72%). Mas um aluno (A15) disse que “o melhor ‘remédio’ para a timidez é o tempo de convívio com a turma”.

A prática de atividades que envolvam a oralidade dos alunos, principalmente diante de uma platéia maior, vai orientar não só o aluno orador como também o comportamento dos alunos ouvintes.

Um item bastante lembrado pelos alunos (66%) foi a questão da postura, da gesticulação e da voz, que devem se adequar ao momento. “Existem momentos da vida em que necessitamos nos expressar e quando percebemos a importância de saber conversar como adultos, sentimos falta do ‘treinamento’ do dia-a-dia (A08).



Segundo um aluno (A06), “hoje as escolas estão cada vez mais se utilizando de apresentações orais como meio de avaliação. Esse tipo de trabalho deveria ser um pouco mais organizado, até mesmo para que os alunos entendam a importância dele para o futuro, para seu desenvolvimento pessoal”.

O aluno (A01) escreve que “para uma boa performance em uma apresentação é necessário autoconfiança, preparo sobre o que vai falar e treinar antes, para obter uma melhor dicção”. Essas observações nos levam a acreditar que o papel da escola reside principalmente na terceira sugestão do aluno, pois o que ele chama de “treinamento” nada mais é do que a oferta de oportunidades direcionadas para esse objetivo, para a orientação sobre as diversas formas de apresentações orais.

## SEGUNDA GRAVAÇÃO

A insegurança característica de todo orador pode ser amenizada quando o mesmo já conhece o seu público, por exemplo. Esse fato foi marcante na sala de aula em que esta pesquisa se deu. Conviver com os colegas durante o ano todo fez com que muitos se sentissem mais à vontade, conforme observado pelos próprios alunos. Houve mais respeito no final de cada apresentação, com palmas, mas sem as alterações de voz que foram observadas na primeira gravação.

Os alunos preocuparam-se mais no preparo do texto que iriam expor, mas um deles precisou consultá-lo para lembrar a fala. O aluno não foi interrompido, visto que, além de tratar-se de uma pesquisa, o momento da apresentação não é o mais adequado para essa intervenção, pois pode prejudicar ainda mais o andamento da atividade. E embora lendo às vezes, o aluno não deixou de apresentar-se de maneira tranqüila, com uma boa postura diante dos colegas.

Nesta segunda gravação o tempo estipulado foi de 05:00min. Mas dois alunos ultrapassaram o limite, mesmo com o aviso discreto da professora (06:43min e 7:02min). O aluno que passou dos sete minutos foi interrompido para que houvesse espaço para todos poderem falar, visto tratar-se de aulas com tempo pré-determinado para encerrar. Esse planejamento deverá ser revisto pelo aluno, que

acabou por divagar por temas não pertinentes àquele que tinha preparado, fato muito comum nas mais diversas apresentações orais.

Os alunos mantiveram-se mais calmos, gesticularam mais e até fizeram algumas brincadeiras durante as gravações, mostrando que a primeira vez com que nos defrontamos com uma proposta de trabalho sempre causará maior preocupação. Por isso, mais uma vez, insistimos na orientação sistemática dos alunos do ensino médio na prática da oralidade, principalmente aquela que envolve mais formalidade, como as apresentações de atividades escolares.

## AValiação GERAL

Apresenta-se abaixo um quadro com as dificuldades apontadas e possíveis soluções ao alcance de qualquer professor do ensino médio e não apenas do professor de Língua Portuguesa:

### QUADRO 1: Dificuldades e possíveis encaminhamentos

DIFICULDADES	ATIVIDADES PROPOSTAS
Nervosismo / Timidez	Aulas sobre oratória
Insegurança	Simulações de situações de oralidade
Falta de planejamento	Exercícios de planejamento
Vocabulário inadequado	Leitura
Falta de estudo sobre o tema	Estudo sobre o tema abordado
Tom de voz muito baixo / Contato visual inadequado / Gesticulação inadequada / Vestuário inadequado	Teatro/técnica de dramatização

Diante dessas respostas, como o professor pode então colaborar para não só orientar o aluno para apresentações na escola, na sala de aula, como também em quaisquer outras situações em que seja exigida uma competência mínima para que

ele se expresse oralmente, como em conversas com adultos, reuniões sociais, profissionais, etc.?

Começando pela sala de aula, o professor poderá levar seu aluno a experimentar seu próprio comportamento diante de uma platéia, avaliá-lo, professor e aluno, e buscar melhorar em diferentes aspectos. Buscaram-se exemplos em diversos autores especializados em oratória e, seguindo o proposto no quadro 1, o professor deve também contribuir para que o próprio ambiente seja o mais natural possível, levando os alunos a sentirem-se bem, num ambiente seguro e acolhedor, em que o erro seja um trampolim para que a aprendizagem se dê naturalmente. Essa ambientação tranquilizará o aluno, que passará a agir de acordo com o ambiente. Espera-se assim atingir uma naturalidade de expressão e controle emocional da parte do estudante.

Diz-nos Polito (2006, p. 286) que

o auditório de hoje solicita uma fala mais natural e objetiva, sem os adornos de linguagem e a rigidez da técnica empregada até o princípio do século XX. O uso da palavra falada deixou de ser um privilégio dos religiosos, políticos e advogados e alastrou-se para todos os setores de atividades. (...) A linha de ensino da oratória, mais liberada, não exclui a contribuição dos antigos retores, apenas promove uma adaptação ao gosto da platéia moderna, que deseja um orador que converse com o ouvinte em vez de um que apenas fale para ele.

Nessa questão, torna-se imperativo, também, o domínio do assunto a ser tratado. Quem conhece o tema sabe falar sobre ele e fala com mais tranquilidade.

Quanto ao gestual, a característica pessoal do aluno ficará bem clara, não o impedindo, porém, de tentar adaptar-se a um padrão esperado de movimentação caso ele se apresente muito agitado ou, então, estático.

É importante salientar que o professor não deve interferir durante a apresentação do aluno, a não ser que este solicite. A atitude de interferência pode comprometer a seqüência que o aluno traçou para o desenvolvimento de sua fala. Se o professor julgar necessário, caso perceba que a comunicação não está atingindo o mínimo esperado para compreensão sua e dos outros alunos, poderá solicitar que o orador apresente-se mais tarde, visando, com isso, auxiliar para baixar o grau de ansiedade desse aluno em especial.

## Conclusão

Esta pesquisa confirmou a idéia de que a linguagem oral está merecendo menor atenção por parte dos professores da rede pública estadual de ensino. As apresentações orais são formas recorrentes de prática pedagógica das diversas disciplinas do currículo da educação básica, tanto em escolas públicas como em particulares. São utilizadas frequentemente como fechamento de conteúdos específicos trabalhados por um certo período de tempo, mas não recebem tratamento diferenciado quanto às orientações e critérios estabelecidos pelos professores das diversas áreas do conhecimento. Por ter como característica apenas leves pinceladas de orientação por parte dos professores de Língua Portuguesa, embora esse tipo de trabalho seja requisitados por praticamente todos os professores de uma escola, a expressão oral dos alunos deve ser analisada também como fator determinante no sucesso de uma apresentação.

Todos os alunos saíram-se melhor numa gravação depois de terem sido orientados e analisado a sua postura na filmagem apresentada posteriormente à primeira gravação. Por isso, a análise de um professor sobre um conhecimento construído por meio de uma pesquisa ou um estudo qualquer, deve levar em conta o meio pelo qual o resultado desse estudo será apresentado e, se a forma for a oral, deve-se atentar para todo o processo que envolve os alunos, tanto o conteúdo propriamente dito, como a eficácia na exposição desse conteúdo, para que atinja seu objetivo maior, qual seja, a troca de conhecimentos entre todos os envolvidos no processo educacional.

Assim como é exigido que o estudo sobre o tema a ser abordado seja realizado previamente, também, uma apresentação oral formal, como as muitas que ocorrem no ambiente da sala de aula, deve ser levada em conta e preparada conforme orientações prévias do professor, que não deve deixar de analisar o comportamento geral de seus alunos, que não só alunos, mas cidadãos dignos de uma educação global e de qualidade, em todos os segmentos de seu ciclo de estudos.

## Referências

- ALKMIN, T M e outros. A Lingüística e o Ensino da Língua Materna. In: Geraldi, J.W. (Org.). **O texto na sala de aula: leitura e produção**. Cascavel: Assoeste, 1991.
- ALVES, Clair. **A arte de falar bem**. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- ARAÚJO, Denise Lino de. **Linguagem e ensino**. Vol. 6, Nº 1, 2003.
- BACCEGA, Mª Aparecida. **Palavra e discurso**. São Paulo: ABDR, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª Ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BLIKSTEIN, Izidoro. **Como falar em público**. São Paulo: Ática, 2006.
- BOURDIEU, P. A Economia das Trocas Lingüísticas. In: Bourdieu, P. (1998). **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: Edusp, 1980.
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 2005.
- FÁVERA, Leonor Lopes. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino da língua materna**. 6ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1997.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KOCH, Ingedore. **Gramática do português falado**. Volume VI: Desenvolvimentos. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.
- MACHADO, Adilson. **É preciso comunicar**. União da Vitória: Uniporto, 2006.
- MACHADO, Jefersom. **Oratória com naturalidade**. Disponível em: <http://www.jefersom.com.br/news.php?news=1>. Acesso em 03/05/08
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, Ingedore. **Gramática do português falado**. Volume VI: Desenvolvimentos. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.
- MARQUES, Maria Celeste Said S. **A linguagem na escola: um olhar sob a perspectiva da economia das trocas lingüísticas**. Revista Primeira Versão/Universidade Federal de Rondônia. ANO I, Nº 11 - Junho – Porto Velho,

2002. ISSN 1517-5421. Disponível em:  
<http://www.primeiraversao.unir.br/artigo11.html>. Acesso em: 04 jun. 2008.

ORLANDI, Eni. **Discurso e texto**. Campinas: Pontes, 2001.

O'WESNEY, Denise. **The extemp speech structure**. Disponível em:  
<http://members.aol.com/DOWESNEY/extemp-info.html>. Acesso em: 20/03/08

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para os Anos Finais do Ensino Fundamental e Médio**. Disponível em: <http://www8.pr.gov.br/portals/portal/diretrizes/index.php>. Acesso em 08 jun. 2008.

POLITO, Reinaldo. **Como falar corretamente e sem inibições**. 111ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

POPPER, K.S. **A lógica das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis da fala**. São Paulo: Editora da USP, 2003.

RAMOS, Roberto. **Mídia, textos & contextos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

REYZABAL, Maria Vitória. **A comunicação oral e sua didática**. Bauru: EDUSC, 1999.

SILVA, Márcia Karlowski. **O ensino da “norma padrão” x variação lingüística sob a perspectiva da sociolinguística interacional**. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Revista Trama. Disponível em: [www.unioeste.br/saber](http://www.unioeste.br/saber). Acesso em 06 jun. 2008.

SUASSUNA, Lívia. **Ensino de língua portuguesa**. Uma Abordagem pragmática. São Paulo: Papyrus, 1995.

TERRA, Ernani. **Linguagem, língua e fala**. São Paulo: Scipione, 2002.

VANOYE, Francis. **Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.